

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE

Carne fresca – Levaram o Pai Natal, ficaram as renas

Homens, mulheres e crianças são escravizados em Portugal. Escondem-se das estatísticas e vivem no silêncio da dor

**João Pedro Martins**

Há 9 milhões de escravos que atravessam as fronteiras ou são traficados no seu próprio país.

O tráfico de pessoas é o negócio ilegal que mais floresce no mundo do crime organizado e gera rendimentos superiores ao contrabando de armas e de pedras preciosas, sendo apenas superado pelo tráfico de droga.

Estas pessoas são mártires da fraude e levadas contra a sua vontade. Muitos são vendidos e exportados como mercadoria para se tornarem escravos. Uns são explorados no mercado do sexo, na mendicidade das grandes cidades ou na remoção e comércio de órgãos que alimentam de carne fresca as clínicas gourmet. Há crianças que são leiloadas para adoção, outras que são transformadas em noivas infantis ou que simplesmente se escondem no silêncio da escuridão das fábricas de suor na Ásia. Há aqueles que são distribuídos para circos itinerantes, trabalhos agrícolas nos montes alentejanos ou simples servidão doméstica.

As vítimas são coagidas e sofrem repetidos abusos físicos e emocionais. Experimentam o medo, a tortura e a chantagem, muitas vezes com ameaças à família. Os lucros anuais deste negócio hediondo ultrapassam 30 mil milhões de dólares.

Quase duzentos anos depois de o tráfico de escravos negros ter sido abolido no império inglês, após a campanha de 26 anos que William Wilberforce promoveu na Câmara dos Lordes. Depois de o sonho de Martin Luther King ter levado milhares de negros a marchar pelo direito de voto e pela não discriminação racial no trabalho, pela justiça económica, a luta contra a pobreza e outros direitos civis que estavam interditos à comunidade negra norte-americana. Depois de Nelson Mandela ter passado 27 anos isolado num cárcere e ter derrubado o regi-

me do apartheid. E depois de entrarmos no século XXI Portugal continua a ser um destino e um ponto de passagem do tráfico de seres humanos.

Homens, mulheres e crianças são escravizados em Portugal. Escondem-se das estatísticas e vivem no silêncio da dor. Chegam do Leste da Europa para as vindimas e a apanha da azeitona e acabam sem documentos e sem futuro. Vivem na mendicidade das grandes cidades. Embarcam em aviões provenientes do Brasil e vêm atrás do sonho de uma vida melhor, mas que se transforma em pesadelo na noite das casas de alterne ou das estradas sem luz.

Os novos escravos são também os idosos que passam fome e foram empurrados para a mendicidade por não terem dinheiro para pagar medicamentos. São as mulheres que foram obrigadas a vender o corpo para alimentar os filhos, depois de terem ficado sem emprego nas fábricas que fecharam, enquanto os patrões abriram novos negócios que beneficiaram de incentivos fiscais.

O economista Paul Collier escreveu

que “uma pequena minoria dos banqueiros está a viver à conta dos lucros dos depósitos de dinheiro corrupto. Temos uma palavra para definir as pessoas que vivem através dos ganhos imorais de outros: proxenetas. Os banqueiros proxenetas não são melhores que qualquer outro tipo de chulos”.

Os políticos que prometeram a redução de impostos e a criação de novos postos de trabalho, e que fizeram precisamente o contrário, são governantes proxenetas. Enquanto esta escória existir no governo e deixar o país ser colonizado por capital sujo proveniente de generais corruptos de Angola e de mafiosos russos, não os conseguimos distinguir dos chulos que têm mulheres de minissaia a vender o corpo numa rua ou num bordel.

Para muitas famílias levaram o Pai Natal e deixaram as renas para continuarem a puxar o trenó.

Escreve à sexta-feira



OBEGEF
Observatório de Economia
e Gestão de Fraude

**Novos escravos no século XXI**

António Pedro Santos

VISTO DE FORA**LAURO ANTÓNIO**

The show must go on!

O Politeama, que é teatro mas já foi cinema, fez agora cem anos e está (relativamente) bem e recomenda-se, nas mãos de Filipe La Féria. O Odéon, logo ali à frente, na Rua dos Condes, cai aos bocados, antes de se transformar num centro comercial, ao que dizem. Os Kings, três salas numa transversal da Avenida de Roma, fecharam as portas. Subida de renda, foi a razão invocada pelo inquilino. Falta de público também. A última vez que descí aquelas escadas foi para ver “Blue Jasmine”, de Woody Allen, numa sessão das 21h30, logo a seguir à estreia, e quase não tinha ninguém. Muita gente chora agora o seu encerramento, mas pouca lá ia. A diferença entre o Odéon e os Kings é que o primeiro é uma relíquia arquitectónica e cinematográfica que se deveria preservar enquanto tal. É uma memória que desaparece.

Dos Kings tenho boa recordação de alguns filmes, não especialmente das salas, apesar de ter sido no anterior Vox (que deu lugar aos Kings) que se inauguraram as Meias-Noites Fantásticas em Portugal, com a estrondosa exibição de “Frankenstein Criou a Mulher”, que obrigou a duas sessões depois da meia-noite, tal a afluência. Era uma ideia minha, que resultou em pleno. Seria uma iniciativa do Apolo 70, mas como a inauguração deste tardou foi o Vox a ter as honras. Do Odéon não recordo muitos filmes extraordinários, apenas alguns muito populares que deixaram marcas (ah, a Sarita Montiel!), mas não esqueço a sala. Alguém, no seu juízo perfeito, não deveria deixar morrer a história. Nem deixar abater certos edifícios.

Em compensação, vai reabrir o Camões, ou Ideal, e já regressaram duas salas do Saldanha Residence, em regime de low cost: tudo do melhor, dizem, a 4 euros o bilhete. Os filmes é que são só blockbusters, o que deixa temer o pior. O espectáculo continua, ajeitando-se a novos costumes. Mas há perdas irrecuperáveis. *Cineasta*